

## A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NO CINEMA E NA TV

Bruna Fernanda ABREU

Shellen Grace de Almeida da SILVA

Orientadora: Terezinha de Jesus Machado Maher

**Resumo:** O presente trabalho se propõe a discutir as representações da figura do negro em duas diferentes mídias e o modo como tais representações podem promover a criação de estereótipos e o surgimento e a reiteração de preconceitos na sociedade. Analisando um *corpus* constituído por um filme infantil e uma novela, pretende-se analisar o antagonista do filme e a protagonista da novela, respectivamente. A análise objetiva refletir sobre as possíveis intenções que estão por trás da escolha desses personagens para esses determinados papéis e para o modelo de identidade negra que está sendo por elas veiculado.

**Palavras-chave:** Linguística Aplicada; Identidade Negra; Mídias; Representação; Estereótipos.

### 1. INTRODUÇÃO

Sabe-se que a identidade do negro é frequentemente colocada de forma preconceituosa e estereotipada na mídia: muitas vezes representado como subserviente, não confiável ou de caráter duvidoso, o negro raramente é apresentado como modelo moral para os telespectadores. Também em termos de posição social, ele é quase sempre colocado como membro da classe mais baixa (“o pobre”) incapaz de ascender socialmente. Segundo França (2010), mesmo quando apresentados de forma pretensiosamente positiva (bondoso, serviçal, fiel), essas representações engessadas servem, no fundo, para reforçar, no imaginário da nação, que debaixo da pele escura pode haver uma “alma branca”, contribuindo assim para que a branquitude continue sendo vista como parâmetro na construção da identidade brasileira. Enfatiza-se, assim, a dualidade “Nós” (os brancos) em relação aos “Outros” (os negros), contribuindo para que o racismo se instale e permaneça.

Na mídia, principalmente em filmes e novelas, há discursos de preconceito e intolerância mascarados que têm um forte impacto no público. Quase sempre muito sutis, essas representações discursivas influenciam o pensamento das pessoas em relação ao negro. Segundo van Dijk (2008, p.15),

(...) o racismo não é inato, mas aprendido (...). Este processo de aprendizagem é amplamente discursivo, isto é, está baseado na conversação e no contar de histórias diárias, nos livros, na literatura, no cinema, nos artigos de jornal, nos programas de TV, nos estudos científicos, entre outros. Muitas práticas de racismo cotidiano, tais como as formas de discriminação, podem até certo ponto ser aprendidas pela observação e imitação, mas até mesmo estas precisam ser explicadas, legitimadas ou sustentadas discursivamente de outro modo. Em outras palavras, a

maioria dos membros dos grupos dominantes aprende a ser racista devido às formas de texto e de fala numa ampla variedade de eventos comunicativos.

Neste trabalho objetivamos analisar as representações de negritude no filme “O Rei Leão” e na novela “Da cor do pecado”. No filme, o nosso foco é o personagem Scar, o único leão que se difere dos outros, pois é marrom escuro e tem juba preta. Na novela, é analisada a protagonista Preta, interpretada por Taís Araújo, a primeira atriz negra a interpretar uma protagonista em novela da Rede Globo.

## **2. ANÁLISE DO PERSONAGEM SCAR NO FILME “O REI LEÃO”**

Como já dito, pretendemos, inicialmente, analisar a figura do personagem Scar no filme “O Rei Leão”.<sup>1</sup> No decorrer dessa análise, tentaremos demonstrar como o mundo real está sendo representado pelo mundo animado no filme em questão, já que Scar representa um ser animado que possui sentimentos, vontades, racionalidades e, principalmente, ambições.

### **2.1 Um breve resumo do filme**

A trama se desenrola no reino da “Pedra do Rei”. O leão Mufasa, rei desse reino, comanda as leões e os demais animais ali existentes. Muito respeitado por todos, Mufasa se preocupa em transmitir seus conhecimentos a Simba, seu filho e futuro herdeiro do reino.

Entretanto, na família do rei Mufasa, há um leão de má índole: Scar, seu irmão. Scar é ruim e invejoso. Exclui-se dos demais e não vive na mesma caverna que Mufasa, mas sim em lugares isolados e sombrios. É amigo das hienas, suas aliadas.

Scar ambiciona ser rei e se vê ameaçado com o nascimento de Simba. Herdado de inteligência, mas não de força bruta, elabora planos a fim de eliminar o que ameaça sua ascensão ao trono: Simba e Mufasa.

Primeiramente, incita Simba a ir até o cemitério de elefantes, área em que seu pai o havia proibido de ir. Neste lugar, as três fiéis amigas hienas de Scar estariam esperando por Simba, com o objetivo de matá-lo. Infelizmente, para Scar, seu plano falha, pois, Mufasa, corajosamente, aparece para proteger e defender o filho.

Com o fracasso inicial e com a crescente ambição em se tornar o futuro rei, Scar decide matar Mufasa. Para isso, arma uma emboscada para Simba, levando-o até o local onde haveria uma debandada provocada pelas hienas. Ele confia no tio e permanece no local. Quando a debandada acontece, por ser pequeno e inexperiente, corre perigo. Então, seu pai vai até o local para, novamente, salvá-lo. Quando Simba está a salvo, Mufasa precisa escalar a parede do abismo para também se salvar. Quando estava perto de conseguir fazê-lo, Scar consegue derrubá-lo, matando-o.

---

<sup>1</sup> Produzido em 1994 pela Disney/Buena Vista, “O Rei Leão” (1h e 29 min.) foi dirigido por Roger Allers e Rob Minkoff (fonte: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-10862/>>. Acesso em: 20/01/2013).

Estando Mufasa morto, Scar diz para Simba fugir, atribuindo, falsamente, ao pequeno leão, a culpa pela morte de seu pai. Simba, desconsolado e se sentindo realmente responsável pela tragédia, é perseguido pelas hienas, mas consegue escapar ileso e vai para longe do reino. Dessa forma, Scar finalmente se torna rei, com planos de dar início a uma nova era e um longo e glorioso futuro, no qual leões e hienas viveriam juntos.

Durante o reinado de Scar, a comida e a água se tornam escassas, a vegetação se torna seca, nada floresce, e o ambiente, que antes era alegre e iluminado, se torna triste e sombrio. Scar traz, então, as hienas para conviver na Pedra do Rei e às sombras da maldade.

Nala, uma antiga amiga de Simba, encontra-o depois de algum tempo quando este está vivendo com Timão e Pumba, seus melhores amigos, que o acolheram após a morte do pai. Nala pede que Simba retorne ao reino para enfrentar Scar e tomar o que é dele por direito. Inicialmente, o jovem leão reluta em voltar, mas resolve regressar ao reino e encarar o destino.

Quando retorna, vê que o reino está totalmente destruído. Descobre que todos pensam que ele estava morto e o tio havia mentido acerca de muitas coisas. Decide, então, lutar contra o tio. Scar, em determinado momento, tenta matar Simba do mesmo modo como matou Mufasa, após confessar ao seu sobrinho que foi ele quem matou o irmão. Simba reage e força Scar a dizer a verdade a todos.

Inicia-se, então, uma intensa briga entre hienas e leões e entre Simba e Scar. Este último, quando encurralado contra a parede, diz que a culpa é das hienas e que elas são traiçoeiras e malvadas, ou seja, nesse momento, trai a amizade das hienas. Simba ordena que Scar fuja do reino e não volte nunca mais. Mas as hienas se sentem traídas e se vingam de Scar, matando-o.

Com a morte de Scar, Simba se torna rei por direito e o reino volta a ser como o era antes da morte de Mufasa.

## **2.2 O leão Scar: a imagem do negro**

Algumas características dos personagens do filme são cruciais para estabelecer relações entre a realidade e a fantasia, estreitando a distância que supostamente as separa. Sabendo que “raça, denotando principalmente cor da pele, foi empregada pela primeira vez como um meio de classificar os seres humanos” (MARTINS, 2005, p.182), e que, embora o conceito, do ponto de vista biológico, seja hoje considerado inoperante, pretende-se, inicialmente, tecer algumas considerações acerca das características físicas de Scar, já que este é o foco de nossa análise.

É importante destacar que Mufasa, irmão de Scar, e Simba, seu sobrinho, são de cor caramelo/amarelo e possuem jубas de cor laranja/vermelho. Do mesmo modo, as leoas também são de cor caramelo. Tais cores representam uma tentativa de fidelidade às cores de um leão do mundo real. É importante ressaltar, também, que os semblantes de Mufasa e de Simba parecem sempre serenos e altivos, e que ambos aparecem sempre cercados por ambientes claros e iluminados.

Já Scar possui uma pelagem diferente da dos demais leões e leoas. Ela é marrom escuro e sua jубa é preta. Sempre aparece com um semblante maldoso e sombrio,

expressando em sua feição a maldade que existe dentro de si. As cores de Scar não condizem com as cores de um leão de verdade, ou seja, não há, aqui, uma tentativa de fidelidade às cores de um animal que existe na natureza, mas sim de diferenciar o leão ruim dos demais.

O fato de não existir na fauna um leão de pelagem marrom escuro de juba preta sugere que as cores dos leões foram escolhidas para denotar grupos de seres humanos, sendo que o caramelo/amarelo poderia ser comparado a uma pele branca e o marrom escuro, a uma pele negra. Observe-se que Scar poderia ter sido criado tendo qualquer outra cor: azul, verde, rosa etc. Ele poderia, inclusive, ter sido pensado como um leão de cor caramelo, condição que faria muito mais sentido tendo como base o real reino animal. Contudo, isso não ocorre. Desse modo, tendo como base aquela “sociedade” do reino animal do filme, ao se transpor os personagens para a sociedade humana, tem-se que as figuras Mufasa, Simba e as leões representam uma comunidade de pessoas brancas, e Scar representa uma pessoa negra.

Além da diferença de coloração, é importante ressaltar que o caráter, a personalidade e as condições de vida dos leões “brancos” e do leão “negro” são muito diferentes. Mufasa tem um bom caráter e preza pelo respeito ao próximo, pela bondade e solidariedade. Reina e vive em um ambiente próspero, com água, comida e boas condições de vida. E, além disso, por ser rei, faz parte de uma classe social alta, detendo poder sobre os demais. E tal poder seria passado, um dia, para Simba, que também possui um bom caráter e um coração puro.

Em contrapartida, veem-se em Scar características totalmente diferentes das dos outros leões. Scar, como já dito, não vive no mesmo ambiente do seu irmão, mas sim em lugares sombrios, escuros e pouco agradáveis. Pode-se dizer que ele é excluído, ou se exclui socialmente, já que não usufrui das mesmas condições de vida de Mufasa e Simba. Por exemplo, enquanto ocorre o batizado de Simba, Scar não aparece na celebração e permanece em uma caverna, tentando se alimentar de um rato. As hienas, que também vivem na parte escura do reino (área proibida e perigosa), são aliadas e amigas de Scar, sendo que são elas quem o ajuda a executar os planos malévolos. Essa amizade é mútua em relação a favores, obrigações e interesses, pois Scar fornece a elas alimentação e proteção.

Desse modo, a diferença, a exclusão e o isolamento social de Scar em relação aos seus semelhantes e familiares contribuem para o seu desejo em se tornar rei, pois, “as diferenças desempenham papel preponderante na disputa pelo poder na sociedade e no acesso a bens materiais” (MARTINS, 2005, p.183).

Após as considerações acerca das características físicas e sociais, é fundamental refletir sobre as atitudes de Scar, pois estas representam seu caráter e sua personalidade. Vendo-se impossibilitado de herdar o reino e ser o futuro rei, ele não mede esforços, ainda que esses não sejam em nada louváveis, para alcançar seus objetivos.

Scar, logo após o batizado de Simba, sente-se ameaçado pela presença do jovem leão e futuro rei de Pedra do Rei e, invejoso, além de dono de uma ambição desmedida, convence-o a desobedecer seu pai e dirigir-se à parte escura do reino, o que o coloca em situação de perigo. Apesar de contar com a ajuda das hienas, Scar vê o seu plano de assassinar Simba falhar, pois Mufasa aparece para impedir a morte do filho. Scar planeja,

então, de maneira fria e calculada, a morte do próprio irmão e o desterro do sobrinho, tarefa na qual é bem sucedido. Usando de mentiras e subterfúgios, Scar passa a deter o poder e a controlar todos os animais do reino.

Seu reinado é marcado, no entanto, por infelicidade, degradação e sombras, pois ele eliminara o Bem, personificado por Mufasa e seu filho, os leões de feições claras. É apenas quando Simba retorna e Scar, o leão marrom de juba preta, é morto pelas hienas que o reino volta a florescer: justiça é feita e o Bem prevalece. Portanto, Scar é fruto de uma intenção, ou seja, pelo modo como foi construído, física e psicologicamente, ele significa e representa o Mal no âmbito da sua sociedade e, portanto, não é merecedor de nela ocupar posição de destaque e poder.

O que importa destacar é que, às cores dos personagens principais correspondem atributos muito específicos; ambição desmedida, inveja, frieza, capacidade de manipulação e de ação insidiosa e indigna, além de rejeição social são atributos do leão escuro, enquanto que bondade, valentia, retesa de caráter e competência são características dos leões claros. Enquanto que esses últimos têm aprovação social, o primeiro é alvo de rejeição do grupo a que pertence.

Evidentemente, a cor do leão Scar está intimamente relacionada com o seu caráter, determinando-o, também. Não nos parece que ele, no filme, seja mais escuro à toa, pois, como afirma Martins (2005, p. 190), o discurso veiculado pela mídia é “sempre uma construção da realidade, construção essa que visa a atender determinados propósitos”. Mesmo que não conscientemente, o fato de os animais do filme apresentarem as mesmas características e sentimentos presentes em seres humanos e de a figura do filme que personifica o Mal ter sido criado com uma coloração muito mais escura do que os demais, contribui para justificar o lugar ocupado por pessoas negras em nossa sociedade, principalmente quando se considera que a equiparação entre a cor branca e o Bem e a cor preta e o Mal é reiteradamente encontrada em outros discursos midiáticos.

### **3. ANÁLISE DA PERSONAGEM PRETA NA NOVELA “DA COR DO PECADO”**

Assim como afirmamos na introdução deste texto, pretendemos analisar, a seguir, as representações do negro construídas na novela “Da Cor do Pecado”.<sup>2</sup> O foco de análise será a figura de Preta, a protagonista, uma jovem nordestina que vive com sua mãe em São Luís do Maranhão.

#### **3.1 Resumo do enredo**

A novela inicia com Paco, jovem botânico branco, filho do milionário Afonso Lambertini, viajando para o Maranhão e conhecendo Preta, jovem pobre, negra, que vive com sua mãe, D. Lita, e a ajuda com as vendas de sua barraca de ervas. Paco se

---

<sup>2</sup> Exibida de janeiro a agosto de 2004, “A Cor do Pecado” foi uma produção da Rede Globo escrita por João Emanuel Carneiro e dirigida por Denise Saraceni (fonte: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Da\\_Cor\\_do\\_Pecado](http://pt.wikipedia.org/wiki/Da_Cor_do_Pecado)>. Acesso em: 20/01/2013).

apaixona por Preta e troca juras de amor com a moça. Mas Paco é noivo de Bárbara, mulher interesseira, inescrupulosa, que quer se casar com o rapaz apenas por interesses financeiros. Após um plano de Bárbara para separar Paco e Preta, ocorre um acidente de helicóptero com Paco e todos acreditam que ele esteja morto.

Passam-se alguns anos e Preta, que teve um filho de Paco, vai para Rio de Janeiro, após a morte de sua mãe, na tentativa de apresentar o neto ao avô, Afonso Lambertini. Mas, o que ela não sabe, é que este homem é presunçoso e preconceituoso, e que será quase impossível convencê-lo de que o menino Raí seja seu neto. Bárbara, mais uma vez, voltará a atormentar a vida de Preta, fazendo de tudo para que nada dê certo para ela no Rio e, principalmente, para que nunca consiga conquistar o coração de Afonso.

Depois de muita humilhação, Preta consegue conquistar o respeito de Afonso e eles começam a se entender. Pouco tempo se passa e Afonso é assassinado por Tony, comparsa de Bárbara. Após o retorno de Paco e centenas de desencontros e desentendimentos entre ele e Preta, os dois acabam se casando no final da trama e Bárbara, ciente de que não há mais nada a fazer para separá-los, se suicida.

### 3.2 Estereótipos e preconceitos na trama

Em primeiro lugar, é preciso atentar para o título polêmico da novela: “Da Cor do Pecado”. Chama a atenção o fato de essa ser a primeira novela protagonizada por uma negra e, nela, a cor negra ser a cor do pecado. Vinculando a música da abertura (de mesmo título) com o título da novela e a imagem de um corpo nu de uma negra que aparece no final da abertura, pode-se dizer que o estereótipo reforçado, aqui, é o da mulher negra associada à sensualidade, ao desejo, à mulher que faz com que o homem se “desvie” do caminho certo: a que faz com que ele peque. A canção de abertura da novela, cuja letra anexamos ao final deste texto, tem um trecho que chama a atenção: *E quando você me responde umas coisas com graça/ A vergonha se esconde/ Porque se revela a **maldade da raça***. Essa maldade pode ser entendida como aquilo já citado anteriormente, a “maldade” da sedução da negra, do beijo “escandalizado”, da irresistível – mas pecaminosa! – tentação daquele corpo “moreno, cheiroso e gostoso [...] /da cor do pecado”, tal como é mostrado no final da abertura e, também, no primeiro capítulo da novela, na qual Preta aparece dançando Tambor de Crioula (dança típica do Maranhão em que as mulheres dançam no centro de uma roda formada por homens tocando tambores<sup>3</sup>), exibindo toda sua sensualidade. Acerca do título da novela e da sua canção de abertura, Faria e Fernandes (2007, p. 6) afirmam:

A canção “Da cor do pecado” apresenta uma mulher capaz de desestabilizar, de enlouquecer por sua sensualidade: a mulher do beijo molhado e escandaloso. A música também nos fala de uma suposta “maldade da raça”, entendendo essa maldade como a capacidade de seduzir e de perverter a ordem. Outra associação comum ao negro, reiterada na letra, diz respeito ao cheiro da pele negra, como algo distintivo e muitas vezes negativo. O título “Da cor do pecado”, a canção utilizada na abertura, assim como as cenas que a ilustram sugerem e reafirmam a noção de sensualidade da mulher negra associando-a ao pecado carnal. Não por menos, tal título foi repudiado pelo Fórum

---

<sup>3</sup> Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Tambor\\_de\\_crioula](http://pt.wikipedia.org/wiki/Tambor_de_crioula)

Permanente de Mulheres Negras Cristãs do Rio de Janeiro sob o argumento que ele reforçaria, no imaginário brasileiro, o estereótipo da negra sensual, “malemolente”, erótica e vulgar.

Se considerarmos que, logo no início da trama, quando Paco conhece Preta, ele ainda está noivo de Bárbara. Pode-se dizer, assim, que o fato de Paco se relacionar com Preta mesmo sendo noivo de outra mulher (ou seja, de ele trair sua noiva) reassevera a afirmação do título da novela: o negro seria, realmente, a cor do pecado. No entanto, essa interpretação não se sustenta quando analisamos as atitudes de Bárbara, a antagonista branca: ela faz parte da alta sociedade, mas está “falindo”, por isso quer dar o “golpe do baú” em Paco. O mais intrigante é que quem comete, praticamente, todos os pecados na novela (inveja, vaidade, luxúria, ira, soberba etc.) é ela, e não Preta (bondosa, responsável, justa, educada). Ora, então o branco é que deveria ser considerado a cor do pecado, não o negro. Ocorre que os pecados de Bárbara são “atenuados” graças à sua cor: Bárbara, mesmo pecando, somente erra, comete deslizos; Preta, se errar, peca, porque sua cor é a do pecado.

Em várias cenas da novela, Bárbara coloca toda a culpa de seus atos em Preta, pois sabe que todos vão acreditar em sua inocência e culpar a negra que é pobre, nordestina e é sempre tratada por Bárbara com uma linguagem depreciativa, tal como “neguinha suja, vagabunda, ladra e golpista” (quando, na verdade, estas características [ladra, suja, golpista] são da própria Bárbara). O filho de Preta também sofre com o preconceito, sendo referido por “o mulatinho”. Em uma determinada cena, Bárbara e Preta brigam por causa da (suposta) morte de Paco. Para ofendê-la, Bárbara chama Preta de “crioula maldita” e “filha de crioula”. Segundo Martins (2005, p. 187) “a linguagem detém um papel crucial na reprodução do racismo”, trabalhando na sua construção e sendo construída por ele. Por isso, “tanto a linguagem contribui para manter ou modificar práticas racistas como essas influenciam a linguagem (idem)”. Isso fica bastante evidente em todo o decorrer da novela.

Preta sofre com atos preconceituosos não só de Bárbara (e os incentivados por ela), mas também do pai de Paco, Afonso Lambertini, que não aceita Preta nem reconhece Raí como seu neto. Este homem é tão preconceituoso que, ao sair de carro e ver que Preta está no portão de sua mansão, implorando para falar com ele, diz ao seu motorista (o qual também é negro): *o que é que você está esperando, que essa mulher me dê um tiro?* Quando o motorista diz que ela pode estar querendo dizer algo, Afonso responde: *o que é que pode querer comigo uma mulher como essa aí? Boa coisa não é.* Preta e Raí só conseguem conquistar o coração de Afonso depois de muito sofrimento, de inúmeras humilhações. É como diz van Dijk (2008, p. 19): “a representação negativa de acontecimentos étnicos e de pessoas pode facilmente influenciar as mentes dos receptores” (no caso, dos telespectadores). Assim, o estereótipo de superioridade do branco em relação ao negro é reforçado. Passa-se ao telespectador a ideia de que sempre se deve desconfiar de um negro à primeira vista, e que apenas depois de observadas minuciosamente suas atitudes e de ele provar que tem bom caráter, pode-se aceitá-lo como membro da sociedade.

Em muitas cenas, observa-se como essa imagem do negro (“o Outro”), criada pela elite branca (“Nós”) se reafirma cada vez mais, tanto para os brancos quanto para os

próprios negros. Estes se sentem cada vez mais desvalorizados e mais desmotivados. Isso pode ser observado no início da novela, pois, quando Preta conhece Paco, acredita ser muito improvável um rapaz branco, rico e bonito se interessar por ela pelo fato de ser negra e pobre e pensa que Paco só irá “usá-la”. Mais um pensamento que comprova como a ideia da negra sensual, a que serve apenas para satisfazer um desejo momentâneo, está interiorizada na própria Preta.

Embora a novela tenha toda essa trama, com cenas de preconceito envolvendo tanto Preta quanto seu filho, Raí, quando o autor, João Emanuel Carneiro, foi questionado sobre o romance entre um branco e uma negra na trama, respondeu:

este não foi o meu ponto de partida. Comecei imaginando a vilã da história. Ela é filha de um casal falido e quer dar o golpe do baú no filho de um milionário. De repente, ele se apaixona por uma jovem humilde que mora no Nordeste e estraga os planos da vilã. E eu achei que, além de **pobre e nordestina, a protagonista tinha que ser negra. Assim eu teria como mostrar os contrastes do Brasil** (FRANÇA, 2010, p. 4, grifos meus).

Analisando-se esta fala do autor e relacionando-a com a trama da novela, com o sofrimento pelo qual a protagonista passa (pois é maior do que o de uma “protagonista convencional”, diga-se) e as chamadas para sua estreia (onde era mostrado todo o elenco principal e um questionamento: “*adivinha qual é a cor do pecado?*”), percebe-se vários traços de intolerância e de preconceito.

Observe-se a formulação e o verbo que o autor escolhe em *tinha que*. Ao invés de utilizar este verbo (que mostra uma imposição, uma justificativa para todo o sofrimento de Preta, ou seja, para passar por tudo aquilo, obrigatoriamente, ela deveria ser negra), o autor poderia lançar mão de algo como “achei interessante que ela fosse negra também”, ou “achei que ela poderia ser negra”, ou ainda, “achei que, colocando uma negra nesta situação, as pessoas refletiriam sobre os contrastes existentes do Brasil”. Mas não bastava a protagonista ser somente pobre, ou somente nordestina, ou somente negra: as três características, que sempre são colocadas como inferiores pela cultura dominante, têm que aparecer juntas em uma mesma pessoa, como que para reforçar e internalizar mais rapidamente os estereótipos, para mostrar que, se se possui, pelo menos, uma destas três características, já se faz parte do grupo dos “Outros”. Se possuir estas três, certamente, estará predestinado a sofrer por, praticamente, toda a vida.

Do mesmo modo, negando a discussão do preconceito embutido na novela, a diretora Denise Saraceni diz que “a história é uma história de amor típica de folhetim, **não tem nada de social, mas como a protagonista é negra, inevitavelmente ela passará por situações desagradáveis, refletindo o que acontece em nossa sociedade** (FRANÇA, 2010, p. 04, grifos nossos)”. Mas é evidente que não há como colocar uma negra no papel principal (aliás, a primeira protagonista negra), fazê-la passar por todas as humilhações, sofrer tanto com o preconceito da sociedade no decorrer da novela e dizer que a trama “não tem nada de social”. Essa novela, ao contrário do que afirmam o autor e a diretora, tem muito de social, mesmo porque está repleta de cenas de preconceito e intolerância, muita das vezes, camuflado. Além do mais, é a primeira trama a ter uma negra como protagonista, mas ainda em uma posição marcada pela ideologia do “branqueamento”.

Um dos grandes problemas é o fato de as novelas atingirem milhões de pessoas, pessoas que, muitas vezes, acreditam naquilo que veem e ouvem como sendo a mais pura realidade e, o que é ainda pior, introjetam essas ideologias, esses pensamentos intolerantes e preconceituosos sem, ao menos, saber que os estão introjetando. Segundo Freire (1996, p. 132), “o discurso ideológico nos ameaça de *anestésiar* a mente, de confundir a curiosidade, de *distorcer* a percepção dos fatos, das coisas, dos acontecimentos”. E, em sendo assim, vale a pena mais uma vez considerar o alerta de van Dijk (op. cit., p. 15),

(...) o racismo não é inato, mas é aprendido, deve haver meios para esse processo de aquisição ideológica e prática. As pessoas aprendem a ser racistas com seus pais, seus pares (que também aprendem com seus pais), na escola, *com a comunicação de massa, do mesmo modo que com a observação diária e a interação nas sociedades multimídias* (grifos meus).

Diante de todas estas observações expostas sobre a personagem Preta, nota-se que uma das formas mais fortes de se internalizar e reafirmar essa intolerância e esse preconceito é através da mídia, tanto pelo poder de alcance que ela tem quanto pela destreza com que consegue mascarar e camuflar tudo aquilo que ela, de certo modo, diz sem dizer e faz sem fazer. E o gênero novela tem a capacidade de envolver as pessoas em sua trama de tal maneira que elas podem se “cegar” diante de coisas que estão demasiadamente claras.

É evidente que o negro está ganhando (um pouco de) espaço na mídia ultimamente, mas só está ocupando os papéis que têm uma relação com a imagem que a sociedade ainda tem deles: na maioria das vezes, não ocupam papéis importantes, somente secundários; quando ocupam (como é o caso de Preta), ainda levam consigo a imagem inferiorizada da “raça”, do mau caráter, daqueles que só conseguem ascender através de atos desonestos, ou (como também é o caso de Preta) como a tentação, o pecado ao qual não se pode resistir de maneira alguma. Resumindo, os pobres, nordestinos e negros terão, sempre, um “espacinho” nas novelas, mas só se esse espaço puder enfatizar, ainda mais, a ideia que deles subjaz na sociedade. Afinal,

(...) a teledramaturgia, não intervém na realidade por meio de uma narrativa desvinculada de um projeto ideológico; ao contrário, almeja construir a realidade. Por isso, a televisão não é o espaço da narrativa do real, mas da construção do real, sendo essa construção perpassada nitidamente por processos de controle político da realidade que objetivam homogeneizar o coletivo (FARIA; FERNANDES, 2007, p. 4)

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As análises aqui feitas evidenciaram que imagens negativas e frequentemente estereotipadas dos negros existentes na sociedade são reforçadas pelos personagens do filme e da novela focalizadas.

Em geral, personagens negros ocupam papéis secundários na mídia televisiva e cinematográfica, não ocupando posições de influência no decorrer das tramas em que estão inseridos. Mas, mesmo quando aparecem ocupando papéis de destaque (no caso

do filme, o antagonista Scar; no caso da novela, a protagonista Preta), ainda projetam imagens estereotipadas e negativas, contribuindo para a internalização e reafirmação de preconceitos contra esse “Outro”, o negro, dispostos na sociedade. Observa-se em funcionamento, assim, o mecanismo global de construção do racismo descrito por van Dijk (2008, p.18): todos os aspectos negativos do “Outro” (mesmo que não existam nesse “outro”) são sempre enfatizados; e todos os aspectos positivos do “Nós” (mesmo que ausentes nesse “Nós”) são sempre reafirmados. Continuando sua argumentação, van Dijk, explica que “aplicadas a todos os níveis de discurso (sonoros, visuais, significados e ação), essas estratégias globais tendem a resumir as propriedades discursivas locais e globais da forma como os membros de dentro falam e escrevem sobre Eles”.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FARIA, M. C. B. e FERNANDES, D. A. (2007) “Representação da identidade negra na telenovela brasileira”. E-Compos - Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, agosto, p. 2-15. Disponível em <[www.compos.org.br/files/28ecompos09\\_Brandao\\_Fernandes.pdf](http://www.compos.org.br/files/28ecompos09_Brandao_Fernandes.pdf)>. Acesso em: 28/10/2012.
- FRANÇA, A. S. (2010). “Da cor do preconceito: o negro na teledramaturgia brasileira”. Revista África e Africanidades. Ano 03, n. 11, novembro.
- FREIRE, P. (1996). Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra.
- MARTINS, A. R. N. (2005) “Racismo e imprensa: argumentação no discurso sobre as cotas para negros”. In: SANTOS, S. A. (Org.) Ações Afirmativas e Combate ao Racismo nas Américas. Brasília: Ministério da Educação: UNESCO, p. 179-206.
- VAN DIJK, T. A. (2008). “Introdução”. In: VAN DIJK, T. A. (Org.) Racismo e Discurso na América Latina. Editora Contexto, p, 11-24.
- WOODWARD, K. (2000). “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual”. In: SILVA, da T. T. (Org.) Identidade e Diferença. Petrópolis: Editora Vozes, p.7-68.

**Anexo:**

**Da Cor do Pecado**

Autor: Aberto de Castro Simões da Silva (Bororó)

Intérprete: Luciana Mello

Esse corpo moreno  
Cheiroso e gostoso  
Que você tem  
É um corpo delgado  
Da cor do pecado  
Que faz tão bem  
Esse beijo molhado  
Escandalizado que você me deu  
Tem sabor diferente  
Que a boca da gente  
Jamais esqueceu  
E quando você me responde  
Umás coisas com graça  
A vergonha se esconde  
Porque se revela  
A maldade da raça  
Esse cheiro de fato  
Tem cheiro de mato  
Saudade, tristeza  
Essa simples beleza  
Esse corpo moreno  
Morena enlouquece  
Eu não sei bem porque  
Só sinto na vida o que vem...  
De você  
Esse corpo moreno  
Cheiroso e gostoso  
Que você tem  
É um corpo delgado  
Da cor do pecado  
Que faz tão bem  
Esse beijo molhado  
Escandalizado que você me deu  
Tem sabor diferente  
Que a boca da gente  
Jamais esqueceu  
Tem sabor diferente  
Que a boca da gente

Jamais esqueceu  
Tem sabor diferente  
Que a boca da gente  
Jamais esqueceu.